

A literatura na trilha da memória: aspectos narrativos de A Trilha Dos Ninhos De Aranha, de Italo Calvino

The literature on the trail of the memory: narrative
aspects of the Trail Of The Spiders Nest, by Italo
Calvino

Cintia da Silva Moraes¹

Resumo: Este estudo propõe uma breve leitura do Prefácio à Segunda edição (1964) do romance *A trilha dos ninhos de aranha* (1947) em que Italo Calvino aborda questões relacionadas às responsabilidades do fazer literário naquele momento de grande instabilidade econômica, política e social provocado pelos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e da Resistência Italiana (1943-1945), aditadas ao papel de rememorar e narrar, preservando a memória individual e coletiva e fugindo aos padrões estéticos num tempo marcado pela luta ideológica travada no imediato pós-guerra.

Palavras-chave: Memória; Resistência; Literatura Italiana; Italo Calvino.

Abstract: This study proposes a brief reading of the Preface to the Second Edition (1964) of the novel *The Trail of the Spider's Nest* (1947) in which Italo Calvino approaches issues related to the responsibilities of literary making in that moment of great economic, political and social instability provoked by the unfoldings Second World War (1939-1945) and the Italian Resistance (1943-1945) added to the role of remembering and narrating, preserving the individual and collective memory and escaping aesthetic standards at a time marked by the ideological struggle waged in the immediate postwar period.

Keywords: Memory; Resistance; Italian Literature. Italo Calvino.

¹Mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil. E-mail: moraes-cintia@hotmail.com.

1. Considerações iniciais: um romance da Resistência

O primeiro romance de Italo Calvino (1923-1985) revela o esforço em reelaborar narrativamente, através da ficção literária, o que ele e seus companheiros viveram enquanto *partigianos*² da Resistência Italiana (1943-1945). A realidade expressa pela obra é a da experiência individual, mas também coletiva, uma vez que pessoas vindas de vários setores da sociedade italiana e com motivações diferentes uniam-se numa luta comum. No romance, Calvino evidencia o fato de não ter sido um exército de homens fortes e treinados a vencer a luta contra o nazi-fascismo, mas pessoas comuns que, chamadas à necessidade, lançaram-se nessa luta popular, ainda que isso lhes custasse a vida. Dessa forma, os personagens da narrativa são reflexos daqueles *partigianos* com quem o escritor, então jovem estudante, conviveu em meses de intensos combates, enfrentando as baixas temperaturas, a falta de salubridade, alimento e munição, movidos pela esperança em dias melhores.

Ambientada entre os anos da Resistência (1943 – 1945), na Ligúria, norte da Itália, a trama de *A trilha dos ninhos de aranha*³ compreende os acontecimentos desencadeados na primavera de 1943, a partir da assinatura do Armistício⁴. Nesse período, enquanto os Aliados ocupavam o sul, do qual iam se movimentando para o resto da península, no centro e no norte da Itália encontravam-se os alemães e as forças fiéis a Mussolini, que tentava reconstituir o seu regime com a criação da República de Salò. Sem direção política e cansados dos sofrimentos provocados pelo governo fascista somados até então, parte da população italiana inicia um movimento baseado na estratégia de

² *Partigiano*: antifascista, guerrilheiro, partidário.

³ No Brasil, o romance foi traduzido por Roberta Barni e publicado pela Companhia das Letras em 2004, 57 anos após a primeira publicação na Itália. A versão brasileira, que utilizamos neste estudo, é realizada a partir da segunda edição, de 1964.

⁴ Armistício de Cassibile, assinado pelo Marechal Pietro Badoglio, então chefe de governo, em setembro de 1943, que pôs fim ao período badogliano e trouxe consequências imediatas para o país, pois as cláusulas do armistício estabeleciam que “[...] a Itália devia render-se sem condições, não era acolhida entre os Aliados e vinha-lhe reconhecida somente a ambígua condição de ‘colaboradora’” (GINSBORG, 2013, p. 9. Tradução nossa).

guerrilhas, na tentativa de expulsar os nazistas entranhados e de livrar-se de vez da ditadura fascista.

O romance tem como protagonista uma criança, Pin, cujo percurso se dá em dois cenários que retratam o clima de tensão vivido pela Itália durante a Segunda Guerra Mundial: o da sociedade civil, que convive com a ocupação alemã, e o da Resistência Italiana nos acampamentos das montanhas. O menino é o personagem que conduz a trama desde os becos da Cidade Velha até o acampamento dos *partigiani*, passando por vários setores da sociedade italiana e pela prisão fascista.

Nesses cenários, Calvino inscreve suas experiências na luta armada contra o nazi-fascismo, mesclando-as com as histórias de luta de tantas outras pessoas que atuaram em prol da resistência. Publicado dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e da Resistência Italiana (1943-1945), o romance é construído a partir da cultura da resistência e como forma de afirmação do antifascismo: documenta o tema da resistência – comum para grande parte do povo italiano – numa linguagem compreensível em um país linguisticamente dividido entre língua padrão (a dos intelectuais) e muitos dialetos. Ao mesmo tempo, privilegia as ações dos cidadãos comuns, dando-lhes voz após o profundo silêncio do vintênio fascista.

Apesar de abordar aspectos de grande relevância cultural, política e social da nação italiana no período pós-guerra, no prefácio à segunda edição do romance, em 1964, Calvino (2004, p. 13) afirma que naquele tempo “[...] o livro foi lido simplesmente como romance, e não como elemento de discussão sobre um julgamento histórico”, talvez, devido à herança do fascismo⁵ que, por vinte anos, regulou a imprensa, as escolas e a produção cultural no país e impedia as pessoas de compreenderem, deveras, os fatos políticos ligados aos acontecimentos de seu tempo.

⁵ Movimento Político iniciado por Benito Mussolini na Itália em 1922. O nome deriva de “*fascio*” no sentido de feixe, associação de objetos da mesma natureza, por causa dos *Fasci di combattimento*, criado por ele em 1919 (SALVADORI, s/d).

2. Trazer à memória: um exercício de resistência

No *Prefácio à Segunda edição (1964)* de *A trilha dos ninhos de aranha*, Italo Calvino (2004, p. 19) afirma: “antes de me juntar aos *partigiani*, tinha sido um jovem burguês que sempre vivera em família”, localizando a participação na Resistência Italiana como fator decisivo em sua vida. Por ter crescido numa família de orientação antifascista, Calvino era, até então, um antifascista tranquilo e que se opunha ao culto da força guerreira. Depois, longe de sua família e sob condições adversas, o jovem Calvino passa ao posto de *partigiano*, no centro das lutas, das armas e da violência.

Em meados de 1943, apenas começada a luta *partigiana*, Calvino deixa a faculdade de Agronomia (era a formação do seu pai), aos 20 anos, e junto ao irmão Floriano, dois anos mais novo que ele, parte para as montanhas da Ligúria para integrar as Brigadas Garibaldi e, em meio às brutalidades da guerra, vive uma experiência nova que lhe causa grande impacto (MARTINO, 2012). O evento traumático, contudo, foi fundamental para o seu amadurecimento político, para a sua formação intelectual e para o legitimar a narrar um romance da resistência que também é marco da estética literária neorrealista⁶ na Itália (CALVINO, 2004).

Segundo Martino (2012), Calvino ainda não tinha completado 22 anos no dia da Liberação e, como tantas outras pessoas, ter sobrevivido à guerra lhe trouxe grandes mudanças: abandonara a faculdade de Agronomia e se inscrevera no curso de Letras em Turim, para onde tinha acabado de se transferir. Na mesma época, começa a escrever para revistas e quotidianos

⁶ O neorrealismo literário na Itália não possuía uma estética fundamentada, mas, surgida no período pós-guerra, primava por suprimir características estéticas tradicionais e conservadoras e por resgatar aspectos culturais da identidade nacional, o fundamento da criação estética era que o verdadeiro contato com a realidade possibilitaria a transformação social de que necessitavam: “o neorrealismo deveria ser antes de tudo um evento promotor de consciência” (SIEGA, 2013, p. 143).

como *A voz da democracia*⁷ (do CLN – Comitê pela Libertação Nacional), *Unidade*⁸ (de Turim) e *O Politécnico*⁹ (de Elio Vittorini). Em 1946, conheceu os autores Cesare Pavese e Natália Ginzburg na casa editora Einaudi, com os quais se afina o trabalho intelectual e a militância literária, envolvendo-se na atividade editorial por meio de Giulio Einaudi¹⁰. O comprometimento ético do autor com a afirmação de uma nova cultura italiana advinda da democracia recém-conquistada foi completado pela militância na casa editora, que visava “promover uma autônoma linha editorial, afirmando uma visão própria sobre a cultura e a arte”¹¹ (MARTINO, 2012, p. 5).

Ainda nesse tempo, Cesare Pavese e Giansiro Ferrata (jornalista da *Unità* de Milão) o encorajavam a escrever um romance sobre a experiência *partigiana*, dada a importância do testemunho daqueles que viveram de perto aquele momento histórico e, ainda no centro das lutas - agora ideológica – com a ferramenta que tinham em mãos (MARTINO, 2012). Para Calvino (2014, p. 11) “escrever o romance da Resistência colocava-se como um imperativo”, pois a experiência que narraria, marcada pela imposição de um contexto histórico, seria “multiplicada pela experiência dos outros” (CALVINO, 2004, p. 20). O fato de ser sobrevivente de um evento traumático ao mesmo tempo em que favorecia o sentimento de culpa criava a responsabilidade de zelar pela memória daqueles que perderam suas vidas (FERRAZ, 2012).

O fim da guerra era, na verdade, o começo de uma luta ideológica já travada nos últimos anos do conflito, de exercício de reflexão, de rememoração dos fatos acontecidos para que, alcançado o seu entendimento, não se repetissem. Na verdade, era necessária uma tomada de consciência do acontecimento histórico que tinham acabado de viver, já que muitos italianos não sabiam da sua dimensão e viam o fenômeno da Resistência apenas sob a ótica

⁷ “*La voce della democrazia*”.

⁸ “*Unità*”.

⁹ “*Il Politecnico*”.

¹⁰ Elio Vittorini, Cesare Pavese e Natália Ginzburg foram intelectuais que também se dedicaram a uma produção cultural marcadamente antifascista, assim como Giulio Einaudi fundador da casa editora Einaudi.

¹¹ “*promuovere un'autonoma linea editoriale, affermando una propria visione della cultura e dell'arte*”.

do que lhes tinha acontecido e às suas famílias. Dessa forma, para o jovem *partigiano*, era necessário dizer o quanto a luta de cada homem, cada mulher, cada jovem, ancião ou criança foi válida para a libertação da Itália (CALVINO, 2004).

Assim, após alguns meses de intenso exercício de rememoração e escrita, o romance da Resistência é publicado pela primeira vez em 1947, mesmo ano em que Calvino se forma em Letras com uma tese sobre Joseph Conrad¹². A narrativa de *A trilha dos ninhos de aranha* é composta por personagens que são verdadeiros representantes das camadas populares e da classe trabalhadora daquele período de guerra civil e militar, apresentando os muitos anseios por mudanças de uma difícil realidade política, econômica e social desenvolvida pelo vintênio fascista e que a guerra só vinha a piorar.

Organizada em doze capítulos e em torno de duzentas páginas, o romance do *partigiano* Calvino foi bem apreciado no âmbito literário devido ao fato de narrar um assunto comum entre intelectuais e povo, então em constante debate: a guerra, a revolução (MARTINO, 2012). Na apresentação editorial, Pavese, que era sempre o primeiro a ler seus escritos, alcunha-o de “esquilo da caneta”¹³ e afirma:

Estimulado por uma matéria espessa e opaca, caótica e trágica, ardente e total – a guerra civil, a vida partigiana, vivida por ele no limiar da adolescência –, Italo Calvino resolveu o problema ao transfigurá-la fazendo-a descer a uma história de forma fabular e aventureira, daquele modo aventureiro que se dá como experiência fantástica de todos os rapazes¹⁴. (RIBATTI *apud* MARTINO, 2012, p. 7)

¹² Joseph Conrad é filho de pais poloneses e seu nome de registro é Józef Teodor Konrad Nalecz Korzeniowski. Depois de ter feito carreira na marinha e alcançado o cargo de capitão-de-longo-curso e a cidadania britânica, abandona a profissão e inicia sua carreira literária e faz de suas experiências material para sua produção literária. Dentre os dezessete romances do autor *Lord Jim*, de 1900, *Nostromo*, de 1904, *The secret agent (O agente secreto)*, de 1907 e *Under western eyes (Sob os olhos do ocidente)*, de 1911, são os principais.

¹³ “*scoiattolo della penna*”.

¹⁴ “*Stimolato da una materia spessa e opaca, caotica e tragica, passionale e totale – la guerra civile, la vita partigiana, da lui vissuta sulla soglia dell’adolescenza –, Italo Calvino ha risolto il problema di trasfigurarla e farne racconto calandola in una forma fiabesca e avventurosa, di quell’avventuroso che si dà come esperienza fantastica di tutti i ragazzi*”.

Na reedição de 1964, o *Prefácio à Segunda edição de A trilha dos ninhos de aranha* traz importantes reflexões do próprio autor acerca do romance, do processo de rememoração e escrita e dos pontos de vista histórico e literário daquele período. Decorridos dezessete anos da primeira publicação, Calvino possuía uma ideia renovada sobre literatura e o fazer literário advinda do seu percurso de escritor, editor, ensaísta, intelectual.

A época coincide “com o primeiro balanço de uma profunda reflexão teórica”¹⁵ (MARTINO, 2012, p. 5) ocorrida logo após a publicação dos três volumes das *Fábulas italianas*¹⁶. Assim como a Itália já não era mais aquela mesma da paisagem do romance – devastada pela guerra – Calvino também já não era mais aquele jovem *partigiano* recém-chegado das lutas travadas nas montanhas da Ligúria, tomado pela euforia das experiências vivenciadas, da urgência em compreendê-las e da angústia em expressá-las: “a carga explosiva de liberdade que animava o jovem escritor estava não tanto em sua vontade de documentar ou informar quanto na de expressar” (CALVINO, 2004, p. 7).

Segundo Ferraz (2012), em *O caminho de San Giovanni* (2000), Calvino reconhece o seu despreparo político e a falta de experiência de vida antes da sua atuação *partigiana* e expõe suas dificuldades em narrar os fatos que trouxeram mudanças e favoreceram seu amadurecimento político e intelectual naqueles primeiros anos de liberação:

Sempre me foi difícil contar em primeira pessoa minhas recordações da guerra partigiana. Poderia fazê-lo segundo várias chaves narrativas, todas igualmente verídicas – desde reevocar a comoção dos afetos em jogo, dos riscos, das ansiedades, decisões, mortes, até, ao contrário, apostar na narração herói-cômica das incertezas, dos erros, dos contratemplos, das desventuras com que topava um jovem burguês, politicamente despreparado, falto de toda experiência de vida e que até então vivera com a família. (CALVINO *apud* FERRAZ, 2012, p. 55)

¹⁵ “con il primo bilancio di un’approfondita riflessione teorica”.

¹⁶ “*Fiabe italiane*”.

No *Prefácio à Segunda edição* o já experiente escritor e editor Calvino – depois de ter exercitado diversos estilos - reflete sobre a escrita do Calvino *partigiano* que lutara na Resistência no frio das montanhas, ao lado de “[...] caríssimos companheiros com quem, por meses e meses, dividira a marmitta de castanhas e o risco de morte” (CALVINO, 2004, p. 14). Naquele tempo, o autor preocupava-se, assim como muitos de seus companheiros do pós-guerra, em definir o que fora a guerra *partigiana*. De fato, a questão era decisiva na vida intelectual do jovem escritor:

Ser *partigiano* supõe para Calvino uma importante mudança pessoal. A trágica experiência vivida determinará sua mudança de postura passando de uma atitude pessoal tímida e introvertida a outra decididamente ativa e comprometida. Ao mesmo tempo, como todo *partigiano*, aprenderá que a dificuldade deve ser superada arriscando-se, tomando-a como um desafio. Desafio que atuará como motor no processo de criação literária [...] e onde cada nova proposta tem sido um pretexto para responder a um desafio. (MONTORO *apud* FERRAZ, 2012, p. 51)

O desafio de narrar o romance da Resistência, que compreendesse as diversas histórias dos *partigianos*, era também uma questão de justiça, já que “os *gap* de Milão haviam tido logo seu romance¹⁷, sequência de rápidos impulsos pelo mapa concêntrico da cidade” (CALVINO, 2004, p. 11). Segundo Calvino, o seu romance começou, então, pela paisagem, desde a cidade em que vivera, San Remo, até os Alpes lígures – percurso realizado pelo próprio autor na sua trilha *partigiana*:

[...] começava pelos becos da Cidade Velha, seguia o curso das torrentes, evitava os campos geométricos dos cravos, preferia as “faixas” de vinhas e de oliveiras com os velhos muros desconjuntados de pedra solta, avançava pelas trilhas de mulas subindo pelos morros de pragais, até onde começam os bosques de pinheiros, depois os castanheiros, e assim tinha passado do mar – sempre visto do alto, uma faixa contida entre dois bastidores de verde – aos vales tortuosos dos Pré-Alpes lígures. (CALVINO, 2004, p. 8-9)

¹⁷ Calvino refere-se ao romance *Uomini e no*, de Elio Vittorini, publicado em junho de 1945.

Contudo, a paisagem precisava “se tornar secundária a algo mais: a pessoas, a histórias” (CALVINO, 2004, p. 9), assim, “a Resistência representou a fusão entre paisagem e pessoas” (CALVINO, 2004, p. 9). Na tentativa de representar sua própria história em primeira pessoa, Calvino não obteve êxito: “movia-me pouco à vontade; nunca conseguia abrandar totalmente as vibrações sentimentais e moralistas; [...] eu era cheio de complexos, de inibições diante de tudo o que me era mais caro” (CALVINO, 2004, p. 19). Por isso, ao narrar em terceira pessoa, consegue fazer do personagem, Pin, seu representante:

A inferioridade de Pin como criança diante do mundo incompreensível dos adultos corresponde à que eu sentia na mesma situação, como burguês. E o descaramento de Pin, em virtude da sua tão gabada proveniência do mundo do crime, que o faz sentir-se cúmplice e quase superior a todo “fora-da-lei”, corresponde ao jeito “intelectual” de estar à altura da situação, de nunca se espantar, de se defender das emoções... Assim, dada essa chave de transposições – mas foi só uma chave *a posteriori*, que fique bem claro, a qual me serviu mais tarde para explicar a mim mesmo o que eu havia escrito -, a história em que meu ponto de vista pessoal era banido voltava a ser a *minha história*.[...] (CALVINO, 2004, p. 20)

Assim, Calvino situa as histórias humanas nas paisagens da Resistência partindo do personagem do moleque Pin, sua unidade de observação direta da realidade, e do seu movimento pela narrativa:

[...] eu derramava minha experiência ainda fresca, uma multidão de vozes e rostos (deformava os rostos, dilacerava as pessoas como sempre faz quem escreve – de modo que a realidade vira argila, instrumento – e sabe que só assim pode escrever e, no entanto, sente remorso...), um rio de discussões e de leituras que se entrelaçavam com aquela experiência. (CALVINO, 2004, p. 15)

A paisagem é o cenário cotidiano no qual se dão as histórias de pessoas que se lançaram na luta sem um motivo claro, são *partigiani* “em que ninguém é herói, ninguém tem consciência de classe” (CALVINO, 2004, p. 14) nem tão pouco há “herói positivo” como a direção política tentava direcionar a atividade literária. Por isso, a configuração dos personagens é fator decisivo no romance neorrealista que pretende expor as reais condições políticas e sociais de vários

setores da nação italiana, que lutavam pela libertação do fascismo e da dominação alemã.

No imediato pós-guerra, a escrita de Calvino, além de prestar um tributo aos *partigianos*, é parte da dupla polêmica que procurava combater, simultaneamente, aos que difamavam os ideais da Resistência e aos que – mais ligados à “cultura de esquerda” - proclamavam-na como prática heróica. Por isso, procurou representar a figura humana por meio de “traços exacerbados e grotescos, caretas contorcidas, obscuros dramas visceral-coletivo” (CALVINO, 2004, p. 10) numa “unidade formada por sujeitos um tanto tortos” (CALVINO, 2004, p. 13) transformada em “forças históricas ativas” (CALVINO, 2004, p. 13). Os personagens do romance criados a partir dessas deformações

[...] projetam-se nos rostos que haviam sido de caros companheiros meus. Estudava como adulterá-los, torná-los irreconhecíveis, “negativos”, porque só a “negatividade” encontrava um sentido poético. E, ao mesmo tempo, sentia remorso, para com a realidade tão mais variada e quente e indefinível, para com as pessoas verdadeiras, que conhecia como tão mais ricas e melhores humanamente, um remorso que carregaria comigo durante anos[...]. (CALVINO, 2004, p. 10-11)

Ainda no prefácio, Calvino (2004, p. 9) relembra que os critérios estéticos e os leitores eram outros: “hoje, que o paladar do leitor está acostumado a devorar alimentos bem mais ardentes” e afirma que, por isso, concentrou as reflexões teóricas no capítulo nove, por meio do personagem do comissário Kim e elaborou o romance numa chave de abordagem “de representação imediata, objetiva, como linguagem e como imagem” (CALVINO, 2004, p. 10). Para ele, “analisar os temas de distanciamento corresponde mais ao nosso estado de espírito, ainda hoje” (CALVINO, 2004, p. 9). Para Ferraz (2012), o distanciamento do autor naquele momento de angústia e luto foi o que possibilitou a criação de um romance coletivo, coeso, sem fragmentações.

3. Memória cultural: o papel da literatura em inscrever a história

Segundo Gagnebin (2006) é no “momento de reorganização poética que jaz uma dimensão racional, no sentido amplo da palavra grega *logos*: discurso, linguagem, razão” (GAGNEBIN, 2006, p. 29). Dessa forma, o processo da criação literária da narrativa enfrentado por Italo Calvino naquele imediato pós-guerra permitiu que rememorasse os acontecimentos de sua experiência traumática e compreendesse fatos importantes que ainda não tinham sido esclarecidos. Assim, sob a ótica de Theodor Adorno, podemos sugerir que o exercício de Calvino é uma tentativa de elaborar o passado como esclarecimento, uma vez que para o filósofo “a elaboração do passado como esclarecimento é essencialmente uma tal inflexão em direção ao sujeito, reforçando a sua auto-consciência e, por esta via, também o seu eu” (ADORNO, 1995, p. 48). Essa tentativa, segundo ele, “dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente se permanecemos no simples remorso ou se resistimos ao horror com base na força de compreender até mesmo o incompreensível” (ADORNO, 1995, p. 46).

De fato, anos mais tarde, quando escreve o prefácio para a segunda edição da narrativa, o autor reconhece a necessidade de resistir ao horror de suas lembranças para alcançar a compreensão. Seguindo a essa, a sua responsabilidade, enquanto sujeito esclarecido acerca dos acontecimentos de seu tempo, em atuar sobre o presente: “creio que sempre que fomos testemunhas ou atores de uma época histórica nos sentimos investidos de uma responsabilidade especial” (CALVINO, 2004, p. 12).

A responsabilidade sentida por ele diz respeito à sua condição de testemunha e, especialmente, de ator, consciente da necessidade de suas ações no âmbito político e cultural do seu país para que fatos semelhantes não tornem a acontecer. Assim, a narrativa literária de Calvino assume, simultaneamente, o papel individual e coletivo de trazer à memória e demarcar no horizonte da história literária do país acontecimentos que foram decisivos em vários âmbitos da sociedade.

Segundo Didier Musiedlak (2006, p. 81) não houve produção cultural na Itália durante o vintênio fascista já que “os intelectuais, pequenos e grandes,

fizeram funcionar uma máquina político-cultural criada pelo regime”. Além do controle incisivo da vida cotidiana da população, os programas de rádio, os jornais e revistas, as obras literárias, as músicas, os materiais didáticos eram sistematicamente produzidos com vistas a promover a ideologia fascista e dirimir quaisquer manifestações contrárias: “O fascismo não se contentou em recrutar os intelectuais; ele os seduziu obtendo consentimento para conduzir, por bem, sua obra de regeneração cultural e moral no contexto da formação do Estado totalitário” (MUSIEDLAK, 2006, p. 82).

Todavia, uma parte importante da intelectualidade italiana participou ativamente da militância antifascista. Atuando em clandestinidade, principalmente junto aos partidos políticos, os intelectuais antifascistas ganharam força durante o período da Resistência: “A Itália cultural partiu em exílio, seja interior, seja exterior, para participar do antifascismo e da resistência” (MUSIEDLAK, 2006, p. 82). Ainda assim,

[...] o período pós-guerra é um tempo de indeterminação, porque não é possível confiar de modo pleno em nenhum discurso que venha de uma tradição que resultou em destruição massiva, em categorias que não impediram os genocídios, os campos de concentração, as universidades a serviço do militarismo. (GINZBURG, 2010, p. 229-230)

Daí o reconhecimento de que inscrever literariamente a história é também resistência: o tema, os personagens e as paisagens que integram esse romance coletivo, coeso e sem fragmentações, fazem da narrativa de Calvino um importante documento histórico e literário das experiências humanas envolvidas no processo de libertação do seu país. Essa característica de unidade conferida ao romance foi fundamental para que aquelas pessoas reconhecessem a si mesmas naqueles personagens e, assim, admitissem a importância de suas ações que contribuíram para o desfecho de que tanto necessitavam: a liberdade.

Além disso, essa unidade representada literariamente também serve para reafirmar os próprios ideais de resistência em cada indivíduo que, mesmo com pouca consciência dos fatos, lançou-se na luta pela libertação da Itália. Segundo

Peli (2006) houve impasse entre população e *partigiani* no próprio fenômeno da Resistência Italiana: de início grande parte da população não apoiava os *partigiani* da Resistência devido à falta de consciência política provocada pelo vintênio de censuras e pela ideia de que o caos que enfrentavam teria sido gerado pelo enfrentamento dos *partigiani* ao regime fascista e à dominação nazista. Somente após a militarização e a conscientização política dos próprios bandos, da intensa propaganda de massa realizada pelo Partido Comunista e sucessivas vitórias, a população – grande parte – passa a auxiliar as guerrilhas fornecendo alimento, esconderijo, informações e roupas.

Contudo, é preciso levar em conta a difícil escolha dos italianos após a assinatura do Armistício de Cassibile em 8 de setembro, pois, apesar de terem reagido de forma autônoma, faziam parte de uma sociedade despolitizada e desestabilizada após vinte anos da pedagogia de massa do fascismo, que controlava os principais setores da vida cultural e coletiva: as praças, as escolas, as universidades e os meios de comunicação, de modo que, como afirmou Peli (2006) sobre aquele período: “consciência histórica, preparação política, motivações intelectuais e éticas fortemente sentidas são muito raras”¹⁸ (p. 4). Desse modo, a narrativa do *partigiano* Calvino, agora militante e intelectual atuante pelas causas de seu povo, cumpre o papel de, por meio de seu registro narrativo, trazer à memória e de não deixar esquecer.

4. Considerações finais

Para compreendermos os textos literários e suas relações com outros textos, tratando as questões memorialistas como manifestações de uma dada cultura é preciso observar a produção cultural e a organização social em um país de forma simultânea: se, por um lado, as mudanças que ocorrem na estrutura política e econômica incidem sobre as formas de produção cultural de uma

¹⁸ “*Consapevolezza storica, preparazione politica, motivazioni intellettuali ed etiche fortemente sentite sono molte rare*”.

sociedade, por outro, as produções artísticas e culturais, como a literatura, são fonte de transformações importantes na sociedade.

Dessa forma, procuramos relacionar o texto do *Prefácio à Segunda edição* à narrativa do romance *A trilha dos ninhos de aranha* ao seu contexto político, compreendendo a importância do trabalho intelectual na transformação histórica: a resistência às decisões do governo fascistas gerou profundas mudanças no âmbito individual e coletivo em diversos setores da sociedade.

Esse esforço coletivo, que possibilitou a libertação da Itália do nazi-fascismo modificou as relações pessoais e coletivas e, com isso, surgiu uma nova maneira de narrar aquelas experiências recentes: a literatura neorrealista. A literatura neorrealista, ao mesmo tempo em que cumpre o papel de receber as novas histórias de novos narradores e novos personagens, antes marginalizados, também permite que essas histórias não sejam esquecidas e, assim, não tornem a acontecer.

Referências

ADORNO, Theodor. O que significa elaborar o passado. *Educação e emancipação*. 4. ed. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 29-49.

ADORNO, Theodor. Engagement. *Notas de literatura*. 2. ed. Tradução: Celeste Aída Galeão e Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro; Ed. 34, 1991, p. 51-71.

CALVINO, Italo. *A trilha dos ninhos de aranha*. 1ª Ed. Companhia das Letras, 2004 [Il sentiero dei nidi di ragno, 1947. Tradução: Roberta Barni].

FERRAZ, Bruna Fontes. *Narrar a resistência: a memória do trauma em A trilha dos ninhos de aranha e "Lembrança de uma batalha", de Italo Calvino*. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo - Dossiê, Janeiro de 2012. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpesqja/revista/dossie06/RevLitAut_art04.pdf>. Último acesso em 13 de dezembro de 2016.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Homero e a Dialética do esclarecimento. Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006, p. 29-37.

GINSBORG, Paul. L'Italia in guerra. In: *Storia d'Italia dal dopoguerra a oggi*. 2. Ed. Turim: Einaudi, 2006. p. 3-157.

GINZBURG, Jaime. Sociologia e crítica literária. *Alea*. Volume 12, número 2, julho-dezembro 2010, p. 223-232.

MARTINO, Michele. *Calvino editor e ufficio stampa: Dal Notiziario Einaudi ai Centopagine*. Oblique Studio, 2012. Disponível em: <<http://www.oblique.it/images/formazione/dispense/calvino-editor-ufficiostampa.pdf>>. Último acesso em 22 de novembro de 2016.

MUSIEDLAK, Didier. O exemplo da Itália fascista. In: RIDENTI, Marcelo (org.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. Tradução de Samira Felmann Marzochi p. 81-92.

PELLI, Santo. *Storia della Resistenza in Italia*. Torino: Einaudi, 2006.

SALVADORI, Massimo L. *Fascismo*. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/fascismo_\(Enciclopedia-dei-ragazzi\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/fascismo_(Enciclopedia-dei-ragazzi)/)>. Último acesso em 23 de maio de 2016.

SIEGA, Paula Regina. O diário cinematográfico de Cesare Zavattini: memórias da guerra e dever de não esquecer. *Aletria*, vol. 23, n. 2, p. 137-150, maio-ago. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/4711/4935>>. Acesso em: 25 jul. 2016.